

EXPLORANDO AS DIMENSÕES SOCIAIS DA CRIATIVIDADE

Jackeline Pereira Mendes¹
Alidiane Josefa Barbosa da Silva²
André Augusto Diniz Lira³

RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica sobre a relação criatividade e sociedade, considerando especificamente os possíveis âmbitos do desenvolvimento de sua expressão, tendo por base uma revisão em textos considerados fundamentais no campo científico. Essa relação do ponto de vista de sua expressão e compreensão teórica tem sido compreendida em várias perspectivas, sendo este artigo uma aproximação desses estudos. Foram considerados *livros* de autores reconhecidos sobre a temática e *artigos* científicos. Utilizamos a plataforma da *scielo* para a pesquisa em artigos, como termos de busca “criatividade” e “ensino”; “criatividade na educação”; “criatividade no ensino superior”, “criatividade na educação superior”. Como resultados verificamos que o ambiente familiar favorece o desenvolvimento criativo dos sujeitos ao expandir suas possibilidades experienciais, em meio ao processo de construção social e inserção cultural, e até mesmo, nos ambientes hostis, algumas crianças conseguem se desenvolver criativamente. A escola, ao valorizar a originalidade, autonomia, a liberdade dos docentes e da equipe pedagógica contribui diretamente com a formação criativa dos educandos. No âmbito universitário, pesquisas apontam dificuldades dos docentes em se constituírem enquanto inovadores, o que leva os discentes a considerarem seus colegas e a si mesmos enquanto mais criativos. Por último, o ambiente de trabalho vem exigindo cada vez mais trabalhadores criativos, que saibam trabalhar em equipe e desenvolver essa criatividade coletivamente. Observa-se que a criatividade é uma construção social, que pode ser desenvolvida por qualquer indivíduo, desde que haja trocas simbólicas entre os sujeitos e um meio social que propicie experiências diversas e as condições necessárias.

Palavras-chave: Criatividade. Educação. Sociedade. Pesquisa.

Introdução

A criatividade tem sido investigada a partir de inúmeras vertentes, metodologias e concepções, desde o século passado. Contudo, ainda existem muitas compreensões limitadas na sociedade, sendo considerada uma característica particular presente em

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG; Bolsista no grupo PET-Pedagogia da UFCG. E-mail: mendesjackeline.ufcg@gmail.com

² Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG, Bolsista no grupo PET-Pedagogia da UFCG. E-mail: alidiane-ph@gmail.com

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Professor da Unidade Acadêmica de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da UFCG. Tutor do grupo PET-Pedagogia da UFCG. E-mail: andreaugustoufcg@gmail.com.



poucas pessoas (talentosas, gênias, iluminadas), que não pode ser desenvolvida e, portanto, também não pode ser ensinada (ALENCAR, 1986; VIGOTSKI, 2014).

Nos estudos específicos, a criatividade é compreendida como um processo mental que resulta na criação de um produto novo/inovador que é útil para a sociedade (ALENCAR, 2003; BARRETO, 2007; PADILHA, 2014). A criatividade permite ao ser humano elaborar e reelaborar a realidade que está a sua volta. O contexto em que o sujeito está inserido e as inúmeras relações travadas ao longo da vida, são primordiais para a constituição e o desenvolvimento do processo criativo dos sujeitos.

Este trabalho é uma pesquisa bibliográfica sobre a relação criatividade e sociedade, na qual consideramos especificamente os possíveis âmbitos do desenvolvimento de sua expressão, tendo por base uma revisão em textos considerados fundamentais no campo científico (BOURDIEU, 2008). Essa relação tanto do ponto de vista de sua expressão quanto da compreensão teórica tem sido compreendida em várias perspectivas, sendo este artigo uma aproximação desses estudos.

Referencial teórico-metodológico

De acordo com Bourdieu (2008), o campo científico, como um campo social, é regido por interesses, por diferentes capitais e por diferentes posicionamentos dos agentes, grupos e instituições que visam construir ou impor sua perspectiva científica aos demais. A construção científica, portanto, é uma atividade que demanda uma compreensão do seu funcionamento do ponto de vista epistemológico e político. Ao realizar esta pesquisa de cunho bibliográfico, temos em vista que as produções de autores considerados clássicos ou de autores contemporâneos muito reconhecidos ocorrem em um jogo de diferentes posicionamentos que são materializados em produções científicas e tem diferentes impactos nas pesquisas. Ainda que não utilizemos a teoria do campo científico em sua amplitude, sublinhamos que essa nos ajuda a considerar que os pesquisadores ocupam diferentes lugares nesse espaço.

Na psicologia e na educação quando tratamos dos laços entre a criatividade, a sociedade e a educação, Donald Woods Winnicott e Lev Semyonovich Vigotski ocupam um lugar de destaque. Outros autores contemporâneos também têm uma produção que é considerada de destaque, como a brasileira Eunice Soriano de Alencar e o italiano Domenico de Masi. Esses autores são considerados legitimados no campo



científico o que pode ser percebido pelas citações em vários textos sobre a criatividade. Ainda que, no caso de Vigotski, sua obra sobre criatividade não seja tão conhecida quanto às demais.

Nas ciências humanas, os periódicos, os livros autorais e as coletâneas (com temas específicos) ocupam um lugar de destaque no campo científico. Consideramos aqui algumas dessas obras e também nos servimos de uma pesquisa por meio da plataforma do Scielo. Fizemos um levantamento de artigos com os termos de busca: “criatividade” e “ensino”; “criatividade na educação”; “Criatividade no ensino superior”, “Criatividade na educação superior”. Essa conjugação de termos de busca teminou por restringir a inúmera quantidade de artigos que não atendiam ao nosso foco de interesse.

Seguimos os passos de Gil (2002) que define diferentes leituras para a condução de uma pesquisa bibliográfica. As leituras propostas são a exploratória, a seletiva, a analítica e a interpretativa. Para a definição da amostra (na leitura seletiva) consideramos os trabalhos que nos pareceram melhor discutir relação criatividade e sociedade, tendo como parâmetro também as questões educacionais possíveis. Essa seleção, contudo, é marcada também pela própria característica da plataforma Scielo que, por seu rigor acadêmico, termina por excluir uma série de produções.

Resultados

Sociedade e criatividade: diferentes vertentes

O livro do psicanalista Winnicott (1975) *O Brincar e a Realidade* é considerado um clássico sobre a criatividade, uma vez que discute suas origens constitucionais. A concepção desse autor sublinha, em particular, o vínculo dual entre o filho/a e a mãe, sendo cruciais na emergência e no desenvolvimento da criatividade. Segundo Fulgêncio (2011), partindo de uma perspectiva Winnicottiana, o bebê vive em um estado de busca de algo que ele desconhece, num estado de constante necessidade fisiológica e afetiva. Contudo, quando o ambiente o fornece esse algo, que supre sua necessidade, ocorre uma *ilusão* por parte do bebê de ter criado o que precisava, constituindo-se o sentimento de *onipotência*. Esse sentimento se caracteriza como condição primária de criatividade. O autor ainda pontua que é o ambiente, na condição de *mãe suficientemente boa* que ao se manter atenta as necessidades do sujeito permiti-lhe esse desenvolvimento criativo e



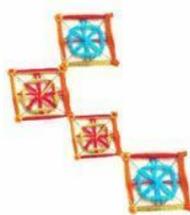
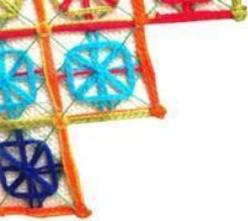
contínuo. Nesse momento inicial de vida, a relação dual, mãe-bebê é primordial e benéfica para ambos. Essa situação em que o sujeito se sente o criador de tudo que está a sua volta é de extrema importância para seu desenvolvimento contínuo e para a perpetuação de sua condição criativa.

Outro autor clássico que tratou da temática criatividade foi Vigotski (2014). Sua compreensão é histórico-cultural e, diferentemente de Winnicott, Vigotski considerou a sociedade de um ponto de vista bem mais amplo. Para esse autor, quanto mais a pessoa se desenvolvesse mais iria lançar mão melhor de suas experiências para trazer à tona um produto novo e mais útil à sociedade. Nesse sentido, faz-se necessário tanto mais experiência quanto mais conhecimentos para que a criatividade possa resultar em um melhor produto.

Vigotski (2014) definiu a atividade criativa como sendo “a atividade humana criadora de algo novo, seja ela uma representação de um objeto do mundo exterior, seja uma construção da mente ou do sentimento característicos do ser humano” (2014, p. 1). Tal criação pode estar ligada às necessidades individuais do sujeito ou as do coletivo. Desse modo, a criatividade é importante para a resolução dos problemas e impasses do cotidiano, já que tais problemas são produtos do meio.

O indivíduo em uma relação de pertencimento em relação ao seu meio, de inserção e de compreensão dos fatos que o cercam, vai se tornando autônomo nesse processo, desvelando e apropriando-se da realidade. A imaginação seria um princípio inerente ao desenvolvimento criativo. De acordo com Vigotski, os seres humanos tornam-se capazes de ir “assimilando, com a ajuda da imaginação, a experiência histórica e social de outros” (2014, p. 15). É nesse panorama que afirma que a criatividade é o resultado do acúmulo de experiências de mundo. Quanto mais se conhece o seu meio cultural, costumes e valores; quanto mais se vive uma vida ativa e se partilha experiências com os pares, mais criativo o sujeito pode se constituir. Por isso, de acordo com essa abordagem, o adulto é mais criativo do que a criança. Desta maneira, pode-se afirmar o quanto os ambientes sociais e as relações estabelecidas neles são importantes para o desenvolvimento criativo, pois ambos podem tanto propiciar quanto inibir o processo.

Alencar (1986) discutiu que o meio social contribuía com o desenvolvimento criativo do sujeito na medida em que cultivaria os traços associados à criatividade como é o caso da independência, espontaneidade, iniciativa e curiosidade. Segundo a autora,



em muitas situações ou contextos, quando esses traços são desestimulados e não são cultivados, tendem a sofrer um rompimento por serem inibidos. Isso interferiria diretamente na construção do sujeito enquanto ser criativo, pois próprio meio social acabaria por o podar. Na perspectiva da autora a sociedade é um grande obstáculo para o indivíduo que diverge da norma. Mas não é apenas na escola que a curiosidade, a espontaneidade e outros traços associados à criatividade são desestimulados. Esta curiosidade e busca incessante de novos estímulos, tende a ir declinando progressivamente. Como não são encorajadas, sendo mesmo punidas em muitas ocasiões, tendem a permanecer bloqueadas ou inibidas em muitos contextos e situações (ALENCAR, 1986, p. 15-16).

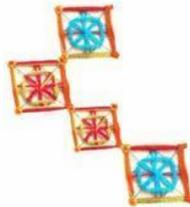
Por um outro lado, nos últimos anos, Domenico De Masi tem sido um autor fundamental no que respeita à questão da criatividade e sociedade. Ele tem advogado a necessidade de reconsiderar o tempo como fundante para essa relação como também o valor dos chamados grupos criativos (DE MASI, 2005a; 2005b). A contribuição de de Masi tem sido bastante profícua, sobretudo no campo da administração.

A Criatividade no âmbito familiar

Como vimos anteriormente, no cenário familiar, a criatividade constitui-se presente na vida dos sujeitos, desde seu primeiro contato com o mundo enquanto bebê. É inegável a importância que a família desempenha, enquanto fonte primária de socialização, na construção dos sujeitos de um modo geral. Essa condição vai se expandindo ao longo do tempo, pois a cada fase da vida o indivíduo vai participando mais e mais em seu meio social e de desenvolvendo. Alencar e Fleith (2003, p. 110) apontam que:

Os anos que antecedem a entrada na escola são, entretanto, de crucial importância para todo o desenvolvimento. Nesse período, cabe à família prover à criança experiências que favoreçam seu desenvolvimento intelectual e afetivo, fortalecendo sua auto-estima (Sic) e propiciando oportunidades para que possa aprender e conhecer seus talentos e competências.

Nesse parâmetro, Oliveira (2010) defende o papel da família para efetivar, também, o desenvolvimento criativo dos sujeitos:



Se a família provê à criança experiências favorecedoras ao seu desenvolvimento criativo, estimulando sua criatividade natural e fortalecedoras de sua autoestima (Sic), certamente a criatividade aflorará com maior facilidade (2010, p. 84).

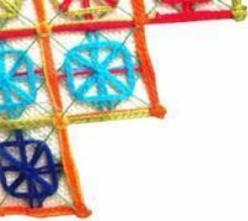
Logo, o aparato familiar, desde a mais tenra idade do sujeito, deve favorecer sua criatividade. Nesse momento inicial, cabe à família expandir o horizonte experiencial da criança, participando de sua construção enquanto ser social e inserindo-o na cultura. É importante destacar que a família também pode ser responsável por inibir a condição criativa da criança, entretanto, a autora pontua que mesmo inseridos em ambientes familiares mais hostis, as crianças podem vir a desenvolver suas capacidades criativas, como argumenta a pesquisadora:

Embora ambientes familiares repressores, com regras rígidas de conduta e sem diálogo, sejam inibidores do potencial criativo, é interessante salientar que também lares desestruturados podem levar algumas crianças a serem criativas como uma forma de compensação as suas frustrações (p. 85).

O cenário de conflitos não é o ideal e nem todas as crianças conseguem lidar com tais adversidades. Entretanto, como aponta Oliveira (2010), é possível em meio a ambientes familiares hostis, o ser humano ser resiliente e, do contrário ao esperado, conseguir superar-se e até desenvolver sua criatividade. Vigotski (2014) deixa claro a necessidade de possibilitar a ampliação de experiências positivas e enriquecedoras às crianças, a fim de garantir as condições necessárias para a efetivação da atividade criativa.

A Criatividade em âmbitos educacionais

Igualmente, o ambiente que sucede o familiar e que é tão importante quanto, é o escolar. Desse modo, Oliveira e Alencar (2012) destacam que a escola passou a ser vista como um dos contextos sociais que interferem no desenvolvimento criativo dos alunos, por isso precisa se constituir enquanto ambiente facilitador, para tal, essa instituição deve-se ater não somente aos alunos, mas aos professores também, tendo em vista que ao valorizarem a originalidade e cultivarem a autonomia e liberdade dos docentes, será refletido positivamente o resultado na formação dos discentes.



Quando se trata desse ambiente, que propicia o acesso ao conhecimento sistematizado e o possível desenvolvimento criativo é necessário fomentar uma reflexão a respeito da figura do professor, pois como desenvolver o potencial criador no aluno se o professor não apresenta nele mesmo essa condição? Sendo assim, Oliveira (2010, p. 86) argumenta que:

No cotidiano da sala de aula o professor não tem, de modo geral, estimulado a criatividade dos alunos, seja por deficiências em sua formação, desconhecimentos de técnicas, procedimentos e metodologias incentivadoras da criatividade, seja pela extensão do currículo a cumprir.

Em uma situação como esta, o professor deve estar munido de conhecimentos e leituras a respeito, por isso muitos autores e pesquisadores defendem a importância da formação continuada, do inconformismo com o que sabe para seguir na busca por saber mais. Mas, é preciso salientar que a mudança não depende unicamente do professor, toda a equipe pedagógica deve estar engajada em pensar, especialmente, em um currículo em que a criatividade seja um fator necessário à formação integral dos discentes, como essencial no processo educativo, de modo a instigar e valorizar os estudantes, pois:

Nesta direção a dinâmica do trabalho curricular precisa propiciar espaços para a valorização da cultura dos alunos e para o desenvolvimento do potencial criativo que trazem consigo. O currículo escolar necessita fornecer oportunidades para que os alunos e professores exteriorizem seu potencial criador, analisem uma situação a partir de ângulos diferentes, avaliem, questionem, critiquem, solucionem problemas, enfim, vivenciem o processo ensino-aprendizagem com prazer (PADILHA, 2014, p.29).

Dessa forma, quando alunos e professores têm a oportunidade para expandir suas possibilidades criativas, estão concomitantemente expandindo sua autonomia e liberdade para agir e interagir de forma plena e dinâmica. Outro ambiente que muitos lidam depois de concluírem o colegial, é a universidade, um novo mundo de possibilidades experienciais. Nesse cenário, apresenta-se uma dicotomia. Por um lado, os professores universitários, segundo Alencar (1986), queixam-se por lidarem com alunos sem senso crítico, que não sabem pensar e continuam imersos na lógica da



memorização e repetição; por outro lado, é necessário refletir a respeito do que esses docentes podem fazer a respeito dessa realidade, pois não é suficiente identificar o problema, mas tentar solucioná-lo. Por esse viés, "é necessário que o professor universitário ultrapasse o papel de conservador e transmissor, para o de inovador, produtor e criador" (ALENCAR, 1997). Quando se pensa em um professor que inova e cria, imagina-se um docente preocupado e atento às necessidades e limitações de seu alunado e as suas próprias limitações.

Em um estudo realizado por Alencar (1997) no qual participaram quatrocentos e vinte oito estudantes de universidades públicas e privadas, respondendo a um inventário de incentivo a criatividade no contexto universitário, é interessante destacar dois pontos interessantes que a autora pode constatar. O primeiro trata-se do fato dos alunos que além de estudarem também trabalhavam se acharem mais criativos do que aqueles que só estudavam. Se partirmos do princípio do pensamento Vigotskiano a respeito da criatividade, entende-se que por experienciarem a vida como estudantes em concomitância com a vida no mundo do trabalho, esses sujeitos acabam por desenvolver habilidades que os auxiliam no cumprimento de suas duas funções. Por exemplo, ao aperfeiçoar o tempo de estudo, a qualidade de como se está estudando e do quanto se está aprendendo, foco no que está fazendo ora trabalhando ora estudando, enfim, lidando com as vivências no trabalho e na universidade. Outro ponto interessante deve-se ao fato dos alunos perceberem os colegas como mais criativos do que seus professores. A autora chega à conclusão de que os educadores permanecem presos à sua condição de apenas transmitir informações e que é necessário pensar em novas práticas de ensino. Assim, faz-se necessário conhecer os alunos, buscando entender a melhor forma de ensinar, de despertar o interesse, a curiosidade, fazendo o educando encontrar um sentido no conteúdo que lhe está sendo apresentado.

Além disso, a dinâmica criativa não acontece de uma hora para outra, por isso é necessário que tanto educandos quanto educadores tenham paciência. Precisa-se de tempo, pois a criatividade passa por estágios para que possamos alcançar um dado específico, tais estágios são classificados segundo Barreto (2007) como: primeiramente a preparação, quando o desafio a ser resolvido é definido; em seguida a incubação, quando os fatos são incutidos e assimilados; posteriormente a iluminação, que vem a ser o surgimento das ideias, das possibilidades de resolução para o desafio; a verificação,



que é decisão a respeito de qual ideia é mais pertinente; por último a aplicação, a condição de utilizar ações para finalmente solucionar a problemática inicial.

Em outro estudo, esse realizado por Alencar e Fleith (2010), as autoras apresentaram algumas barreiras que dificultam à promoção da criatividade, tais como: a dificuldade de aprendizagem, o desinteresse pelos conteúdos e um grande contingente de alunos em sala de aula, essas três dizem respeito às barreiras que competem aos educandos. A respeito do corpo docente foram elencadas duas principais, a pouca oportunidade de discutir e trocar ideias com os colegas de trabalho sobre estratégias institucionais; e um elevado número de disciplinas a lecionar, além das demais atividades que ocupam o professor, limitando seu tempo de preparação para a prática docente. É necessário compreender as demandas as quais o professor universitário vê-se envolvido, pois se tratam de muitas atribuições.

Contudo, o aluno no ambiente universitário pode buscar constitui-se como mais criativo, dado que, a universidade é uma instituição ampla de oportunidades e diversificada. O discente pode buscar autonomamente engajar-se, por exemplo, nas atividades oferecidas pela universidade como os programas de iniciação científica e extensão ou grupos de pesquisa, participar de palestras e minicursos, seminários, congressos, etc. Tudo isso compõe um conjunto de possibilidades que fomentam a socialização, o conhecimento e o mais interessante novas experiências, e como já foi assinalado, quanto mais experiências, maior o potencial criativo.

A Criatividade no âmbito do trabalho

Ocio não significa não pensar. Significa não pensar em regras obrigatórias, não ser assediado pelo cronômetro, não obedecer ao percurso da racionalidade (DE MASI, 2000, p. 241).

Não há como negar as transformações estruturais pela qual a sociedade vem passando e sua constante condição evolutiva. Nesse cenário, o ambiente de trabalho tem exigido cada vez mais que os trabalhadores sejam mais criativos e essa é umas das características da nova sociedade, chamada por De Masi (2000) de pós-industrial. Nessa perspectiva o autor afirma que “entre as atividades que realizamos com o cérebro, as mais apreciadas e mais valorizadas no mercado de trabalho são as atividades criativas” (DE MASI, 2000, p. 18). O autor apresenta a ideia do ócio criativo, quando na atividade



intelectual criativa há uma relação estabelecida entre o estudo, o trabalho e o jogo. Quando essa relação torna possível o trabalho deixa de ser encarado como penoso. Isso porque, o excesso de trabalho não configura em um grande contingente de ideias criativas, mas em muito cansaço.

É preciso tempo e liberdade para viver e experienciar momentos e situações instigantes, seja sozinho ou coletivamente, pois, como bem coloca De Masi (2000), o ócio, nesse sentido, não se trata de uma perda de tempo, mas um ganho qualitativo para o trabalhador e seu trabalho. É necessário que não se viva pelo excesso nem de trabalho, nem de ócio; mas que se estabeleça uma equivalência entre ambos.

Contudo, nesse jogo de interações, o sociólogo apresenta a importância do trabalho em equipe e de uma criatividade desenvolvida coletivamente, para que o grupo desenvolva-se de modo a alcançar essa criatividade precisa haver uma socialização e interação entre pessoas que carregam em si o sonho e a concretude. O sonhador que é propenso a fantasiar e o concreto prezo a racionalização, ambos juntos chegam a uma espécie de equilíbrio necessário à criatividade que o autor chama de grupal. Essa ideia aproxima-se muito à de Vigotski (2014), pois o psicólogo aponta a criatividade como o resultado socialmente construído através das trocas estabelecidas entre os pares.

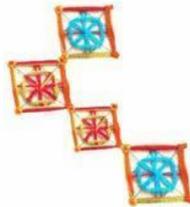
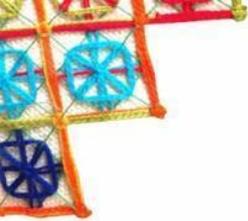
Ademais, não se trata de um processo coletivo limitado apenas no que compete a aceitar ou não a nova ideia/visão, mas trata-se de um processo coletivo, porque sua construção também o é, como conclui De Masi :

Tudo é fruto de ideias coletivas, ainda que um indivíduo possa produzir uma reelaboração pessoal. A criatividade é, ao mesmo tempo, heteropoiese e autopoiese: isso significa que admiro materiais dos outros (heteropoiese), mas os reelaboro dentro da minha mente até chegar a uma visão nova (autopoiese). (DE MASI, 2000, p. 311)

Sendo assim, é da relação estabelecida com o outro e das trocas efetivadas entre os pares que surge a possibilidade do novo como resultado do processo criativo coletivo.

Considerações finais

Pensar em criatividade atualmente não se trata mais de uma condição ou habilidade restrita a poucos indivíduos, mas de uma condição que pode ser desenvolvida



por todos. O que diverge de um sujeito a outro é a intensidade dessa criatividade, sendo uns são mais criativos do que outros. Essa condição pode ser explicada pelas vias da oportunidade, visto que, quem tem oportunidade de expandir suas experiências, seja na família, escola, universidade ou no trabalho, apresenta mais condições concretas para o desenvolvimento criativo. Assim, a criatividade depende das experiências adquiridas ao longo da vida, por isso a necessidade do potencial criativo ser cultivado desde a mais tenra idade.

Portanto, a criatividade não se encontra ligada a indivíduos específicos ou é estimulada em um ambiente específico, pelo contrário, o desenvolvimento criativo pode ser alcançado por todos e em diversos ambientes sociais desde que haja as condições necessárias, como as trocas simbólicas entre os pares e acúmulo de experiências.

Referências

ALENCAR, E. M. L. S. de. Criatividade e ensino. **Psicologia Ciência e Profissão** Brasília, v. 6, n. 1, p. 13-16, 1986.

_____, E. M. L. S. de. O estímulo à criatividade no contexto universitário. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**. Campinas, v. 1, n. 2-3, p. 29-37, 1997.

_____; FLEITH, D. de S. **Criatividade: múltiplas perspectivas**. 3. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

_____; _____. Criatividade na educação superior: fatores inibidores. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 15, n. 2, p. 201-206, jul. 2010.

BARRETO, M. O. O papel da criatividade no ensino superior. **Diálogos & Ciências - Revista da Rede de Ensino FTC**. Ano V, ano.12, dez. 2007.

BOURDIEU, P. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2008.

DE MASI, D. **O ócio criativo**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DE MASI, D. **Criatividade e grupos criativos: descoberta e invenção**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005a. (volume 1)

DE MASI, D. **Criatividade e grupos criativos: fantasia e concretude**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005b. (volume 2)



FULGÊNCIO, Leopoldo. A constituição do símbolo e o processo analítico para Winnicott. **Paidéia**. v 21, n. 50, p. 393-401, Set./Dez. 2011.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo (SP): Atlas; 2002.

OLIVEIRA, Z. M. F. de. Fatores influentes no desenvolvimento do potencial criativo. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 27, n.1, p. 83-92, jan./mar. 2010.

OLIVEIRA, E. B. P.; ALENCAR, E. M. L S. de. Importância da criatividade na escola e no trabalho docente segundo coordenadores pedagógicos. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 29, n.4, p. 541-552, out/dez. 2012.

PADILHA, Regina Célia Habib Wipieski. **Criatividade no ambiente escolar**. Guarapuava: UAB, Unicentro, Paraná, 2014.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criatividade na infância**. São Paulo: Martins Fontes. 2014.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.